

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA EM PORTO ALEGRE**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS: HABILITAÇÃO LÍNGUA**  
**PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**LUCAS EDUARDO ROCHA CASSAFUS**

**EDUCAÇÃO TRANSDISCIPLINAR, DOCÊNCIA E INCLUSÃO:**  
língua portuguesa para estudantes de Ensino Fundamental com transtorno do espectro  
autista

**PORTO ALEGRE**  
**2023**

**LUCAS EDUARDO ROCHA CASSAFUS**

**EDUCAÇÃO TRANSDISCIPLINAR, DOCÊNCIA E INCLUSÃO:**  
língua portuguesa para estudantes de Ensino Fundamental com transtorno do espectro  
autista

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado  
como requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Letras: Habilitação em Língua Portuguesa  
e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade  
Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Valquíria Pezzi Parode

**PORTO ALEGRE**  
**2023**

## Catalogação de Publicação na Fonte

C343e Cassafus, Lucas Eduardo Rocha.  
Educação transdisciplinar, docência e inclusão: língua portuguesa para  
estudantes de Ensino Fundamental com transtorno do espectro autista / Lucas  
Eduardo Rocha Cassafus. – Porto Alegre, 2023.  
41 f.

Orientador: Prof. Valquíria Pezzi Parode.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul,  
Curso de Licenciatura em Letras: Habilitação em Língua Portuguesa e  
Literaturas de Língua Portuguesa, Porto Alegre, 2023.

1. Transdisciplinaridade. 2. Docência. 3. Autismo. 4. Inclusão. 5. Língua  
portuguesa. I. Parode, Valquíria Pezzi. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Laís Nunes da Silva CRB10/2176.

**LUCAS EDUARDO ROCHA CASSAFUS**

**EDUCAÇÃO TRANSDISCIPLINAR, DOCÊNCIA E INCLUSÃO:**  
língua portuguesa para estudantes de Ensino Fundamental com transtorno do espectro  
autista

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado  
como requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Letras: Habilitação em Língua Portuguesa  
e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade  
Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Valquíria Pezzi Parode

**Banca Examinadora**

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Valquíria Pezzi Parode  
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Carolina Martins da Silva  
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Magali de Moraes Menti  
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

## AGRADECIMENTOS

Dedico, primeiramente, meu eterno agradecimento aos meus pais que com muita bravura, superando inúmeras dificuldades na vida buscaram sempre me orientar da melhor forma e a me impulsionar, incansavelmente, desde adolescente, a trilhar a caminhada para esta grande conquista. Mãe e Pai, nada disso teria sido possível sem o alicerce fundamental que vocês representam em minha vida. Vamos comemorar juntos o nosso diploma!

Quero agradecer a todos os meus melhores amigos que desde o sexto ano da E.E.E.F. Uruguai a vida jamais ousou separar. A vocês, meus irmãos, Fernando, João Henrique, Hélios, Lucas Lemos, Raphael e Túlio, esta vitória sem o apoio incondicional de vocês durante a minha trajetória, principalmente, nos meus momentos mais complicados, o ombro amigo de cada um contribuiu para que eu ficasse ainda mais forte para enfrentar os desafios do dia a dia de um professor em formação. Não posso me esquecer da minha amiga, ex-colega e atual professora de língua portuguesa, Alexandra Ramos Barros, por ter me dado muitos conselhos com todo amor e carinho nos meus momentos bons e difíceis dentro do curso de Letras da UERGS.

Para concluir, agradeço, profundamente, a todos(as) professores e professoras do curso de Letras Licenciatura da UERGS que ao longo da minha jornada acadêmica desempenharam um papel essencial para que eu me qualificasse com excelência e assim me tornar um professor apaixonado pelo que faz. Quero registrar aqui o meu carinho, admiração e acima de tudo uma gratidão enorme a minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dra. Valquíria Pezzi Parode por aceitar me orientar e construir comigo este trabalho que encerrará com muita emoção e com sentimento de missão cumprida o meu ciclo como graduando e às maravilhosas professoras Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Carolina Martins da Silva e Prof.<sup>a</sup> Dra. Magali de Moraes Menti por terem aceitado serem a minha banca neste momento especial da minha trajetória.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso versa sobre o seguinte tema: Educação Transdisciplinar, Docência e Inclusão: Língua Portuguesa para estudantes do Ensino Fundamental com o transtorno do espectro autista. O Objetivo geral desta pesquisa é compreender a importância da Educação Transdisciplinar e da Docência em Língua Portuguesa no processo de inclusão de estudantes com TEA. Para responder aos objetivos e à pergunta de pesquisa: “Que abordagens educacionais e estratégias pedagógicas os professores de língua portuguesa utilizam para promover a inclusão de estudantes com TEA nas aulas de Língua Portuguesa?”, utilizou-se a pesquisa de cunho bibliográfico, admitindo o conceito de Gil (2010), pesquisa qualitativa, seguindo os conceitos de Minayo (2015) e para análise de dados, a análise de conteúdo de Bardin (2010). Com a finalidade de traçar um panorama sobre educação transdisciplinar, docência e inclusão de estudantes do ensino fundamental com TEA nas aulas de língua portuguesa, realizou-se uma pesquisa no Google sobre Transdisciplinaridade que se interliga com a Educação inclusiva, assim como, a utilização do termo “Alunos com deficiência” com base na Lei nº 12.764 da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. A pesquisa realizada a partir de teses, dissertações, livros, artigos e sites, também no Google acadêmico, com artigos selecionados do ano de 2021 a 2023 constataram que para a inclusão de estudantes com TEA em aulas de Língua Portuguesa do ensino fundamental, além de toda gestão escolar, o professor será uma figura primordial ao pensar estratégias que contemplem as necessidades destes estudantes, tendo a abordagem educacional transdisciplinar como um caminho para promover práticas educativas integradoras e a ética no ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Transdisciplinaridade; Docência, Autismo; Inclusão; Língua Portuguesa.

## ABSTRACT

This course completion work is about the following topic: Transdisciplinary Education, Teaching and Inclusion: Portuguese Language for Elementary School students with autism spectrum disorder. The General Objective of this research is to understand the importance of Transdisciplinary Education and Teaching in the Portuguese Language in the process of including students with ASD. To answer the objectives and the research question: “What educational approaches and pedagogical strategies do Portuguese language teachers use to promote the inclusion of students with ASD in Portuguese Language classes?”, bibliographical research was used, admitting the concept by Gil (2010), qualitative research, following the concepts of Minayo (2015) and for data analysis, content analysis by Bardin (2010). In order to outline an overview of transdisciplinary education, teaching and inclusion of elementary school students with ASD in Portuguese language classes, a Google search was carried out on Transdisciplinarity that is interconnected with Inclusive Education, as well as the use of term “Students with disabilities” based on Law No. 12,764 of the National Policy for the Protection of the Rights of Persons with Autism Spectrum Disorder. The research carried out from theses, dissertations, books, articles and websites, also on Google Scholar, with articles selected from the year 2021 to 2023 found that for the inclusion of students with ASD in Portuguese language classes in elementary school, in addition to In all school management, the teacher will be a key figure when thinking about strategies that address the needs of these students, using the transdisciplinary educational approach as a way to promote integrative educational practices and ethics in teaching-learning.

**Keywords:** Transdisciplinarity; Teaching, Autism; Inclusion; Portuguese language.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>9</b>
2.1 EDUCAÇÃO TRANSDISCIPLINAR.....	9
2.2 EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	11
2.3 ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE).....	12
2.4 ALUNOS COM DEFICIÊNCIA (ACD).....	13
2.5 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA).....	14
2.6 DOCÊNCIA E INCLUSÃO.....	15
2.7 DOCÊNCIA POR UMA ABORDAGEM DE EDUCAÇÃO TRANSDISCIPLINAR E INCLUSÃO.....	16
2.8 DOCÊNCIA EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS COM ESPECTRO DE AUTISMO NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	18
<b>3 PROCESSOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>19</b>
3.1 COLETA DE DADOS.....	21
3.2 ANÁLISE DE DADOS.....	22
3.2.1 PUBLICAÇÃO I.....	23
3.2.2 PUBLICAÇÃO II.....	24
3.2.3 PUBLICAÇÃO III.....	30
3.2.4 PUBLICAÇÃO VI.....	32
<b>4 RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PESQUISADOR COM BASE NAS PUBLICAÇÕES ANALISADAS.....</b>	<b>36</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento deste trabalho teve como motivação as experiências e os aprendizados adquiridos em um estágio extracurricular realizado pelo acadêmico pesquisador de maio de 2017 a junho de 2019 em uma escola da rede municipal de educação em Porto Alegre. O período de experiência com educação inclusiva no âmbito escolar com certeza mudou, completamente, o olhar como futuro professor e no modo de ver a vida, pois, desde então, ao pensar em um planejamento de aula, a melhor maneira é se atentar às singularidades de cada aluno/a e também sempre deixar o mais adaptável e flexível possível, os seus contextos de aprendizagem.

Neste estudo pretende-se responder à seguinte pergunta de pesquisa: “Que abordagens educacionais e estratégias pedagógicas os professores de língua portuguesa utilizam para promover a inclusão de estudantes com TEA nas aulas de Língua Portuguesa?”. O objetivo geral é compreender a importância da educação transdisciplinar e da docência em Língua Portuguesa no processo de inclusão de estudantes com TEA. Os objetivos específicos da pesquisa são os seguintes: Identificar os desafios encontrados pelos docentes ao trabalhar com estudantes com TEA em turmas regulares de ensino; Compreender como a educação transdisciplinar pode contribuir para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de estratégias para práticas pedagógicas em Língua Portuguesa com estudantes de TEA.

Em vista de contemplar a pergunta de pesquisa e os objetivos, no capítulo “Referencial Teórico” serão expostos os conceitos de: Educação Transdisciplinar, Educação Inclusiva; Alunos com deficiência; Transtorno do Espectro Autista; Docência e inclusão; Docência por uma abordagem de educação transdisciplinar e inclusão; Docência em Língua Portuguesa para alunos com espectro de autismo no ensino fundamental. A abordagem desses conceitos contribuirá para mostrar a importância da Educação Transdisciplinar e da docência em Língua Portuguesa na formação e inclusão de alunos com TEA.

No capítulo “Processos Metodológicos” é explanado o caminho percorrido para o desenvolvimento deste estudo. A pesquisa qualitativa exploratória bibliográfica se constitui por uma abordagem transdisciplinar, sendo que, para obtenção dos dados foram utilizados como fonte de pesquisa, livros, teses, monografias, artigos, *sites*, e a plataforma Google e o Google acadêmico. O trabalho está pautado na pesquisa de estratégias de

ensino utilizada pelos professores que contribuam para a inclusão de estudantes com TEA nas aulas de língua portuguesa.

No capítulo “Análise de Dados”, as análises realizadas, dos artigos selecionados a partir do ano de 2021 a 2023, também os resultados da pesquisa, por fim, no último capítulo, as “Considerações Finais” da pesquisa.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Neste capítulo, será apresentada a fundamentação teórica para o conhecimento de aspectos relevantes desta pesquisa. Neste sentido, este capítulo trará a conceituação teórica dos termos-chave que irão embasar e fundamentar esta investigação. Para referenciar este trabalho serão abordados temas como: Educação transdisciplinar; Educação Inclusiva; Atendimento Educacional Especial, Transtorno do Espectro Autista; Docência e inclusão; Docência por uma abordagem transdisciplinar e inclusão e Docência em Língua Portuguesa para estudantes com o transtorno do espectro autista no ensino fundamental.

### **2.1 EDUCAÇÃO TRANSDISCIPLINAR**

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), verificamos como eles orientam as escolas quanto à elaboração dos seus planos de estudo e dos objetivos que devem atingir com a sua aplicação. Sugerem caminhos que tornem possível modificar a rotina de sala de aula, possibilitando que os alunos se transformem em sujeitos ativos de sua formação acadêmica. Deixam claro que a escola não deve apenas se preocupar em trabalhar os conteúdos conceituais, mas, da mesma forma, explorar os conteúdos procedimentais em outras áreas de conhecimento. Além disso, apontam a necessidade de trabalhar, em todos os componentes curriculares, de forma transversal, temas, entre eles o meio ambiente, possibilitando que auxiliem na formação como pessoa. Santomé (1998) faz referência à necessidade de mudanças nas práticas escolares, na fragmentação por disciplinas, baseadas em conteúdos estáveis e universais, observada em diferentes países:

Se algo está caracterizando a educação obrigatória em todos os países, é o seu interesse em obter uma integração de campos do conhecimento e experiências que facilitem uma compreensão mais reflexiva e crítica da realidade, ressaltando não só dimensões centradas em conteúdos culturais, mas também o do domínio dos processos necessários para conseguir alcançar conhecimentos concretos e, ao mesmo tempo, a compreensão de como se elabora, produz e transforma o conhecimento, bem como as questões éticas

inerentes a essa tarefa. Tudo isso reflete um objetivo educacional tão definitivo como é o “aprender a aprender” (SANTOMÉ, 1998, p. 27).

A palavra transdisciplinaridade pode ser entendida como algo além do que disciplinas vigentes conversam entre si através de um conhecimento comum, é um modo abrangente de pensar os conteúdos. Morin (2003) define e distingue os conceitos de interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade da seguinte forma:

[...] interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade, difíceis de definir, porque são polissêmicos e imprecisos. [...] interdisciplinaridade pode significar, pura e simplesmente, que diferentes disciplinas são colocadas em volta de uma mesma mesa, como diferentes nações se posicionam na ONU, sem fazerem nada além de afirmar, cada qual, seus próprios direitos nacionais e suas próprias soberanias em relação às invasões do vizinho. Mas interdisciplinaridade pode significar também troca e cooperação, o que faz com que a interdisciplinaridade possa vir a ser alguma coisa orgânica. [...] multidisciplinaridade constitui uma associação de disciplinas, por conta de um projeto ou de um objeto que lhes sejam comuns; as disciplinas ora são convocadas como técnicos especializados para resolver tal ou qual problema; ora, ao contrário, estão em completa interação para conceber esse objeto e esse projeto, como no exemplo da hominização. [...] transdisciplinaridade, trata-se frequentemente de esquemas cognitivos que podem atravessar as disciplinas, às vezes com tal virulência, que as deixam em transe. De fato, são os complexos de inter-multi-trans-disciplinaridade que realizaram e desempenharam um fecundo papel na história das ciências; é preciso conservar as noções chave que estão implicadas nisso, ou seja, cooperação; melhor, objeto comum; e, melhor ainda, projeto comum. [...] (MORIN, 2003, p. 115).

Os três conceitos mencionados, ainda que distintos no âmbito de abordagem curricular tenham por objetivo um direcionamento: a de articular os conteúdos desenvolvidos na sala de aula de tal forma que interajam dentro do conhecimento absorvido pelo estudante permitindo que ele construa habilidades cognitivas que o permita apreciar os diversos espaços a partir de diferentes pontos de vista.

De acordo com Parode (2019), é importante compreendermos que a transdisciplinaridade não é um modelo educacional, mas se constitui num processo amplo de ligação de tudo que está separado no sistema vivo. Nesse sentido, a transdisciplinaridade está para além da disciplina, da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade. É uma abordagem que transcende o modelo tradicional de educação, baseado na separação das áreas de conhecimento e saberes. Sendo assim, a transdisciplinaridade pressupõe uma nova abordagem não apenas educacional, mas de vida para humanidade, para resolução dos problemas que se constituem na contemporaneidade.

## 2.2 EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A educação inclusiva pode ser compreendida como uma corrente de ensino contemporânea que visa garantir o direito de todos à educação. Para Ballard (1997) todos os alunos têm o mesmo direito a ter acesso a um currículo culturalmente valioso e em tempo completo, como membros de uma classe escolar e de acordo com sua idade. A educação inclusiva reforça a diversidade mais do que a semelhança. O autor reforça a igualdade de oportunidades e a valorização das diferenças humanas, incentivando a transformação da cultura, das práticas e das políticas vigentes na escola e nos sistemas de ensino, de forma a garantir o acesso, a participação, o desenvolvimento e a aprendizagem de todos, sem exceção.

Ao falarmos da educação inclusiva, é crucial resgatar o histórico de lutas, conquistas e estudos que consolidaram essa estratégia pedagógica como um modelo de avanço educacional. Ao longo da década de 90, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e movimentos sociais em defesa dos direitos das pessoas com deficiência se mobilizaram em torno desse tema, resultando na publicação de importantes documentos. Desde a Declaração de Salamanca (1994) até a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2006 e incorporada à Constituição federal, na forma da Lei Brasileira de Inclusão (LBI), em 2015, como veremos nos próximos tópicos desta pesquisa.

A inclusão de pessoas com necessidades especiais tem sido alvo de grandes reflexões, debates e discussões, e mesmo em meio a tantas políticas públicas inclusivas ainda se pretende responder à exclusão, tão marcante em nossa sociedade (Borges; Paini, 2016). Para que a Educação Inclusiva ocorra com efetividade, a Lei de Diretrizes e Bases, em seu Art. 59, destaca como devem ser atendidos os educandos com necessidades especiais, em que destaca as principais diretrizes para o atendimento desses alunos. Para isso, a educação tem por base quatro pilares: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver; e aprender a ser. Firmar a educação inclusiva em todos esses pilares é garantir que a aprendizagem de crianças e jovens com deficiência aconteça por meio das várias possibilidades de desenvolvimento que podemos encontrar na escola (Ferreira, 2018).

A escola inclusiva é uma escola comum – ou regular – que acolhe todos os tipos de alunos, independente das diferenças. Nela, são criadas situações que

favoreçam e respeitem os diferentes ritmos e estilos de aprendizagem dos alunos (FERREIRA, 2018, p. 4).

Para a Educação Inclusiva ter êxito dentro de uma escola é primordial que ela apresente acessibilidade desde a entrada até os equipamentos que favoreçam o ensino e a aprendizagem de todos os estudantes. A acessibilidade auxilia na organização dos espaços para que todos possam utilizá-lo de forma autônoma.

A inclusão é um paradigma que se aplica aos mais variados espaços físicos e simbólicos e é uma prática social que se aplica no trabalho, no lazer, na educação, na cultura, mas, principalmente, na atitude e no perceber das coisas, de si e do outrem (CAMARGO, 2017). Sendo assim, com o intuito de que todos os estudantes PCD acompanhem os conteúdos lecionados nas aulas e consiga desenvolver as competências e habilidades esperadas, os docentes deveriam optar por metodologias adequadas a cada conteúdo abordado e adequar estas metodologias, quando necessário, para favorecer a aprendizagem com êxito dos estudantes.

### **2.3 ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)**

De acordo com o Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Especial, considerando a Constituição Federal de 1988, que estabelece o direito de todos à educação, decreta que todos os sistemas de ensino matriculem estudantes com alguma deficiência, transtorno global do desenvolvimento e/ou com altas habilidades/superdotação nas escolas comuns do ensino regular e ofertar o atendimento educacional especializado (AEE), oportunizando o acesso e as condições para uma educação de qualidade. Segundo Fernandes (2007):

[...] o movimento de inclusão ambienta-se na década de 1990 objetivando alcançar todas as crianças apoiando nos princípios de igualdade e equiparação de oportunidades na educação. O direito à igualdade de oportunidade resguarda a prerrogativa de que cada um tem interesses e características e que necessitam que sejam atendidas no processo educacional. A equidade assegura que nenhuma manifestação de dificuldades seja um impedimento à aprendizagem do aluno, respeitando as diferenças individuais. (FERNANDES, 2007, p.35).

De acordo com o autor, a acessibilidade à educação e o direito à aprendizagem são garantias constitucionais que versam sobre a diversidade presente nas escolas. A pluralidade de experiências, habilidades, contextos e capacidades entre estudantes é uma realidade que deve ser enaltecida através de práticas educacionais inclusivas. O AEE é desenvolvido, predominantemente, na Sala de Recursos Multifuncionais da

própria escola ou em um centro de atendimento educacional especializado público ou privado sem fins lucrativos, conveniado com a Secretaria de Educação.

## **2.4 ALUNOS(AS) COM DEFICIÊNCIA (ACD)**

Alunos (as) com deficiência são estudantes que podem encontrar dificuldades sob a ótica da inclusão ou a inserção plena em escolas regulares. Estas dificuldades, possivelmente, venham a existir, seja pela falta de uma estrutura pedagógica adequada nos espaços escolares para incluir estes estudantes e/ou aos professores que não possuem uma formação continuada que os habilite atender às especificidades destes tipos de estudantes.

[...] os benefícios dos arranjos inclusivos são múltiplos para todos os envolvidos com as escolas - todos os alunos, professores e a sociedade em geral. A facilitação programática e sustentadora da inclusão na organização e nos processos das escolas e das salas de aula é um fator decisivo no sucesso (KARAGIANNIS, 1990, p. 22).

Sobre o TEA, especificamente, a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, instituída em 27 de dezembro de 2012, a partir da Lei nº 12.764, dispõe para os mesmos o direito a frequentar escolas de ensino regular, direito este que não pode ser negado pelos gestores da escola e/ou instituições, sob pena de multa que pode chegar de 3 a 20 salários mínimos (DIÁRIO OFICIAL, 2012, p.2). Esta lei, também é conhecida como “Lei Berenice Piana”. A legislação, que leva o nome da mãe de um jovem autista, determinou que pessoas com TEA são consideradas, para todos os efeitos legais, pessoas com deficiência. De acordo com Alves e Naujorks (2005), a população vem apresentando um interesse maior sobre a Inclusão Educacional. Dessa forma, para as autoras:

O tema da Inclusão Educacional tem sido alvo de debates e vem despertando o interesse da população. A Educação Inclusiva constitui-se numa aplicação prática ao campo da Educação de um movimento mundial, denominado Inclusão Social. (ALVES; NAUJORKS, 2005, p.1).

Este direito também é estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), que no Capítulo V, Artigo 58, faz referência à educação especial como:

[...] a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento de altas habilidades ou superdotação. [...] Sendo oferecido apoio especializado, quando houver necessidades dos alunos. Ou [...] podendo ser atendidos em locais especializados caso não haja condições da integração nas classes regulares. (BRASIL, 1996, p. 25).

Já em 2015, foi a vez de ser sancionada a Lei 13.146, também conhecida como Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência ou Estatuto da Pessoa com Deficiência. Desta vez, a legislação assegurava não somente os direitos de quem tem o diagnóstico de TEA, mas também de PCDs no geral. Juntas, as duas legislações são as principais fontes de informação e respaldo na garantia dos direitos de pessoas autistas e suas famílias.

## **2.5 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do desenvolvimento neurológico de início precoce, que se caracteriza pelo afetamento que pode ser parcial ou total das habilidades sociais e de comunicação, além de apresentar comportamentos classificados como repetitivos e estereotipados. Embora sejam estes os principais aspectos destacados no fenótipo das pessoas com TEA, pode haver uma variação entre elas, desde indivíduos com deficiência intelectual grave e baixo desempenho em habilidades comportamentais adaptativas até indivíduos com quociente de inteligência normal, que levam uma vida independente.

[...] as manifestações comportamentais que definem o TEA incluem comprometimentos qualitativos no desenvolvimento sociocomunicativo, bem como a presença de comportamentos estereotipados e de um repertório restrito de interesses e atividades, sendo que os sintomas nessas áreas, quando tomados conjuntamente, devem limitar ou dificultar o funcionamento diário do indivíduo (APA, 2013 apud ZANON et al, 2014, p.25).

Dada essa realidade dos déficits de comunicação, interação social e comportamental do autista, o sujeito com TEA pode estar em diferentes níveis. De acordo com Cunha (2015) pode-se compreender que “ o uso atual da nomenclatura Transtorno do Espectro Autista possibilita a abrangência de distintos

níveis do transtorno, classificando-os de leve, moderado e severo”. Assim, não se pode assemelhar o sujeito com autismo, considerando que são sujeitos diversos, com níveis de intelectualidade diferentes. É viável o conhecimento mais sucinto das características deste transtorno.

## **2.6 DOCÊNCIA E INCLUSÃO**

Quando paramos para refletir sobre o(a) aluno(a) com necessidade educacional especial pensamos também na relação entre esses, o docente e as práticas pedagógicas adotadas. Na concepção de inclusão estão presentes as diferenças individuais como também, a crença de que cada pessoa se constrói pessoalmente. Esse entendimento sustenta-se nos pressupostos teóricos do sócio construtivismo de Vygotski (1984) quando o autor defende que:

A criança com alguma deficiência não é menos desenvolvida que a considerada “normal”, mas que se desenvolve de forma diferente. Este indivíduo contribuirá socialmente como os demais, diferenciando-se apenas quanto ao seu ritmo, e os caminhos percorridos na realização de suas funções psíquicas superiores (VYGOTSKI, 1984, p.16).

Para o autor, os docentes são figuras essenciais do saber por representar um elo intermediário entre o aluno e o conhecimento disponível no ambiente. Sendo assim, também, de acordo com seus estudos, mais uma vez temos a figura do professor como interação fundamental da aprendizagem. É de fundamental importância sua relação com o estudante para que ele se aproprie de conhecimentos durante sua vida escolar.

No prisma da docência e inclusão precisamos ter em mente que não há um aluno-padrão, como, frequentemente, a formação de docentes faz crer. É necessário estar disposto o suficiente para aceitar e compreender os obstáculos a serem enfrentados ao longo da carreira de educador. Para Serra (2006), o professor deve ser assessorado na construção dos saberes que envolvem a educação de portadores de necessidades especiais, a fim de que a inclusão de fato promova a aprendizagem de seus alunos e o desenvolvimento de suas possibilidades.

Sobretudo, se considerarmos esses novos ambientes de aprendizagem, através dos mais diversos recursos tecnológicos, a fim de atender as mais diversas formas de aprendizagem humana, corroborando assim para estreitar-se às diversidades. Santos (2006) afirma que:



Igualdade não é de forma alguma tornar igual [...] Incluir não é nivelar e nem uniformizar o discurso e a prática, mas exatamente o contrário: as diferenças, invés de inibidas, são valorizadas. Portanto “aluno-padrão” não existe. Cada integrante deste cenário deve ser valorizado como é. (SANTOS, PAULINO, 2006. p. 12).

A necessidade de inclusão escolar, já reconhecida e defendida por lei, também gera uma necessidade de organização da escola para receber e direcionar a aprendizagem de todos os tipos de alunos. Essa organização depende de ações políticas, pedagógicas, culturais e sociais, que facilitem e proporcionem a interação entre educandos com e sem necessidades especiais.

## **2.7 DOCÊNCIA POR UMA ABORDAGEM DE EDUCAÇÃO TRANSDISCIPLINAR E INCLUSÃO**

A transdisciplinaridade tem como proposta uma educação que propicie o desenvolvimento e ampliação da percepção e compreensão do mundo. Práticas pedagógicas transdisciplinares significam valorizar a subjetividade, a percepção, as capacidades reflexiva, inventiva e criativa do aluno, construir meios que tornem o aluno consciente do lugar que ocupa no mundo. Como papel da escola, Suanno (2014) afirma:

Como instituição social, a escola tem como objetivo o desenvolvimento de potencialidades cognitivas, afetivas e físicas de seus alunos, por meio da construção do conhecimento e do desenvolvimento de habilidades, valores e atitudes, de forma contextualizada com o meio social a que pertencem, esclarecendo a importância de se tornarem cidadãos participativos e corresponsáveis pela qualidade das relações estabelecidas nesse meio, seja ele externo ou interno, rural ou urbano, social ou mesmo nas relações consigo mesmo (SUANNO, 2014, p. 174).

A conexão existente entre educação e a transdisciplinaridade vem sendo cada vez mais discutida por grupos que refletem sobre a educação do futuro, tendo em vista que a transdisciplinaridade propõe o rompimento dos “barreiras” que existem entre os saberes disciplinares, não permitindo uma relação entre esses saberes. Tratando-se de Educação Inclusiva, remete-se ao fato de pensarmos no estudante como um ser singular, indivisível, e não de maneira fragmentada e que as áreas de conhecimentos não se conectem, tornando os processos inclusivos pouco fluídos, mais lentos e poucos eficazes.

É inegável que as escolas brasileiras possuem realidades bastante distintas. No entanto, em maior ou menor grau, percebe-se a dificuldade do professor em lidar com a diversidade da sua sala de aula, não por falta de vontade e interesse, mas, na maior parte dos casos, por falta de conhecimento, de formação, seja ela de base ou formação continuada, ou ainda pela falta de suporte que as realidades educacionais oferecem. Propõe-se, então, um ponto de reflexão e ruptura acerca das possibilidades e das barreiras que possam impedir uma atuação transdisciplinar no contexto das escolas, avaliando atores, facilitadores e limitadores para estabelecer uma rede de apoio ao professor, que considere os diferentes saberes e formas de trabalhar em conjunto. Sobre a abordagem transdisciplinar, Franco (2007) aponta que:

A abordagem transdisciplinar é mais do que uma forma de organização de equipe. Permite cuidar da criança (e família) como uma globalidade, indo ao encontro desta criança complexa, com o seu contexto. Pretende e permite cuidar da criança no seu todo, criança-família-contexto porquanto desenvolve uma atitude face aos determinantes da intervenção que assume uma perspectiva global, sistêmica, contextual ou ecológica da pessoa (FRANCO, 2007, p. 119).

Franco (2007) afirma que a transdisciplinaridade possibilita ultrapassar as limitações da formação disciplinar para melhor atender as necessidades da criança ou jovem, à medida que propõe a partilha de saberes, as trocas, a aceitação do olhar do outro sobre a sua área e prática. Segundo o autor a transposição para a realidade escolar, esse olhar sistêmico poderá trazer muitos benefícios, sobretudo para o estudante incluído, desde que se estabeleça uma relação de cooperação entre os membros da equipe de apoio, e que a estrutura hierárquica da escola permita essa mudança.

No contexto da escola, é comum observarmos diferentes profissionais atuando em suas áreas específicas, realizando trocas, porém, insuficientes para esse olhar mais amplo e neutro, que vise ao desenvolvimento do estudante. Em algumas situações, os encaminhamentos diferem e até mesmo entram em conflito, por olharem somente sob uma perspectiva de formação e conhecimento. Franco (2007) aponta que:

No entanto, o resultado é mais o somatório das atividades individuais dos diferentes técnicos, que tendem a trabalhar e a tomar decisões isoladamente, não sendo postas em questão as suas perspectivas pessoais, porquanto se parte do princípio que cada um sabe o que é melhor para aquela situação. A orientação que cada técnico vai seguir depende da sua perspectiva profissional e da formação que possui e cada um tenderá a tomar decisões e a trabalhar isoladamente, sendo fraca a interligação e a coordenação entre as ações e os programas de intervenção. (FRANCO, 2007, p. 116)

Para o autor, o intuito não é desvalorizar o que até então vem sendo desenvolvido nas escolas no que se refere ao acompanhamento dos estudantes com deficiência, pelo contrário, busca a reflexão e a ampliação de possibilidades que venha potencializar e qualificar os processos inclusivos na escola, podendo se utilizar, por exemplo, dos princípios da transdisciplinaridade.

## **2.8 DOCÊNCIA EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS COM ESPECTRO DE AUTISMO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

É muito comum ocorrer a situação de o professor ao se deparar com um aluno com o Transtorno do Espectro Autista na sua sala, geralmente, se sentir desafiado, mas a primeira reação é sentir-se despreparado. No caso da docência em Língua Portuguesa não é diferente. Para Cunha (2018), o aluno com autismo, como qualquer aluno, é um aprendiz, pois a aprendizagem é algo inerente a todo ser humano. Além disso, o ensino e a aprendizagem são movimentos alinhados à construção do conhecimento, de forma dialógica, não imperativa. Nesta pesquisa, que visa contribuir para práticas em sala com outros docentes de Língua Portuguesa ao trabalharem com estudantes autistas, o ensino da língua materna é um desafio que possui muitas variantes ao ter uma abordagem que atenda às suas especificidades.

Com estas particularidades, o docente deverá oferecer-lhe todas as possibilidades de operar com a linguagem, auxiliando-lhe no processo de sustentação de um lugar de fala, de interação e de aprendizagem. Alunos (as) com autismo têm potencialidades, por isso é imprescindível respeitar suas especificidades, mediando a interação destes em sala de aula, compreendendo que a linguagem desses(as) alunos(as) perpassa por todas as áreas de seu desenvolvimento. Além disso, nem sempre usam a fala para estabelecer comunicação, o que não significa que não interajam de outras formas, utilizando outras linguagens, como destaca Orrú (2012):

É pela linguagem que o aluno com autismo, em seu processo de aprendizagem, sofrerá transformações em seu campo de atenção, aprendendo a diferenciar um determinado objeto de outros existentes, assim como a construir ferramentas internas para integrar estas informações. Pela linguagem, também modificará seus processos de memória, deixando de ser engessado por uma ação mecânica de memorização, o que facilitará o desenvolvimento de uma atividade consciente que organiza o que deve ser lembrado. A linguagem proporcionará ao aluno com autismo maior qualidade em seu processo da imaginação, ação essa, em geral tão comprometida em pessoas com a síndrome. Igualmente, serão constituídas de maneira concreta e contextual as formas de pensamento

que terão maior generalização em seu cotidiano, a partir de experiências vivenciadas nas relações sociais onde os conceitos são formulados (ORRÚ, 2012, p.111).

Dessa forma, ressalta-se que, ao elaborar propostas de atividades em língua portuguesa, o(a) professor(a) precisa favorecer a aquisição e o desenvolvimento da linguagem do(a) aluno(a) com autismo. Reconhecendo as suas várias formas de expressão e, além disso, mediar, constantemente, as relações destes com os outros na sua constituição como sujeito.

### 3. PROCESSOS METODOLÓGICOS

O processo metodológico se constituiu por uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa exploratória, sendo que, para obtenção dos dados da pesquisa foram utilizados vários aportes teóricos por meio de busca na plataforma Google, Google Acadêmico, assim como, em sites, livros, artigos científicos, monografias de conclusão de curso, dissertações e teses, publicados no período de 2021 a 2023.

Com a finalidade de responder a pergunta norteadora da pesquisa: “ Que abordagens educacionais e estratégias pedagógicas os professores de língua portuguesa utilizam para promover a inclusão de estudantes com TEA nas aulas de Língua Portuguesa? e responder ao objetivo geral e aos objetivos específicos foi utilizada a pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2010) pontua a importância da pesquisa em livros, artigos científicos e outros, que embasam o estudo abordado, assim como, oportuniza a análise de forma concisa de todo material disponível.

A metodologia aplicada foi construída com o intuito de dar conta das preocupações do pesquisador sobre a mediação do professor de Língua Portuguesa e a inclusão de estudantes com TEA. Para Gil (2010), a pesquisa bibliográfica é “elaborada com base em material já publicado”. De acordo com o autor, “[...] a principal vantagem da pesquisa bibliográfica é o fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Na busca no *site* google acadêmico foram encontrados 18 (dezoito) trabalhos que se aproximaram da temática e, para em seguida realizar uma descrição das práticas de aprendizagem com estudantes com TEA realizadas nestas pesquisas.

Visto isso, foram escolhidos 4 artigos pertinentes ao tema e dentro da linha de tempo estipulada. Os dados foram analisados seguindo a abordagem da Análise de Conteúdo (AC). Para Bardin (2016), a Análise de Conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos objetivos e sistemáticos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Dessa forma, considerando tais reflexões, também para dialogar sobre uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo e para ratificar o conceito de pesquisa qualitativa, Minayo (2015) afirma que a:

[...] pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o inverso dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, por isso ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO, 2015, p.21)

Para a estudiosa, a pesquisa examina o que é real e que pode ser vivido pelos indivíduos e caracteriza as atitudes, mediante considerações que possam abarcar o papel do professor de Língua Portuguesa como mediador e do(a) aluno(a) Autista.

### **3.1 COLETA DE DADOS**

Neste capítulo será apresentado como foi realizada a coleta de dados, a escolha dos artigos analisados. Os dados obtidos respondem à pergunta de pesquisa e aos objetivos específicos 1 e 2: Identificar os desafios encontrados pelos docentes ao trabalhar com estudantes com TEA no ensino fundamental e compreender como a educação transdisciplinar pode contribuir para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de estratégias para práticas pedagógicas em Língua Portuguesa com estudantes de TEA.

A coleta de dados foi realizada no site Google Acadêmico, sendo que foram colocadas 4 palavras-chaves: “Educação inclusiva”, “Docência em língua portuguesa”, “Educação Transdisciplinar” e “Transtorno do Espectro Autista”. A pesquisa com essas palavras-chave resultou em aproximadamente 19 mil resultados e como mencionado anteriormente os artigos escolhidos deveriam ter sido publicados a partir de 2021

a 2023. Sendo assim, foram selecionadas 4 publicações para análise. Segue abaixo o quadro com as publicações escolhidas em ordem cronológica.

Quadro 1 – Artigos/Monografias coletados para análise de dados

<b>Título</b>	<b>Revista/Editora</b>	<b>Autores</b>	<b>Ano de Publicação</b>
Educação e inclusão na sala de aula: ensino e aprendizagem de língua portuguesa inclusivos para estudantes com autismo	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Wilma de Moura da Silva	2021
Autismo e inclusão: desafios e possibilidades na aula de língua portuguesa	Revista Educação Especial em Debate	Andreia Amorim Salles Rosa Antônio Carlos Gomes	2022
Autismo e inclusão: os desafios e a necessidade da inclusão nas escolas do estado do Rio Grande do Sul	Revista Alembra	Alexandre Jardim	2022
Um olhar transdisciplinar para a educação inclusiva no autismo	Universidade Metodista de São Paulo	Vanderléa Ana Meller Maria Glória Dittrich Claudio da Silva	2023

Fonte: Autor (2023)

O capítulo seguinte irá trazer a análise dos dados colhidos baseados nos artigos escolhidos. Sendo assim, veremos as respostas que irão contemplar os objetivos desta pesquisa.

## 3.2 ANÁLISE DE DADOS

Para a análise de dados será apresentado um resumo de cada um dos artigos selecionados que responde ao objetivo específicos: Identificar os desafios encontrados pelos docentes de língua portuguesa ao trabalhar com estudantes com TEA no ensino fundamental e compreender como a educação transdisciplinar pode contribuir para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de estratégias para práticas pedagógicas em Língua Portuguesa com estudantes de TEA.

### 3.2.1 PUBLICAÇÃO I

A primeira publicação a ser analisada é a monografia: “Educação e inclusão na sala de aula: ensino e aprendizagem de língua portuguesa inclusivos para estudantes com autismo”, publicado em 2021, por Wilma de Moura da Silva, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A monografia foi dividida em três capítulos: o primeiro apresenta a definição de educação inclusiva. Com a finalidade de compreender os Transtornos do Espectro Autista, a autora recorreu a autores como Cavaco (2009), Grinker (2010), Cunha (2009), Bosa (2006) e ao próprio Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2013), os quais explicam os desdobramentos dos Transtornos do Espectro Autista, especificando as principais características, critérios para diagnóstico e definição.

O segundo capítulo é sobre a educação inclusiva e o espectro autista. É importante dizer que não há respostas prontas para todas as questões da educação. Há, sim, relatos, experiências, trabalhos e trocas de saberes na construção de um caminho e, diante da dificuldade de adaptação dos conhecimentos acadêmicos para lidar com as contingências da sala de aula, o professor vai constituir seu capital de conhecimentos, com base em: saberes disciplinares; saberes pedagógicos e, principalmente, em saberes a partir das suas experiências.

O terceiro capítulo versa sobre os desafios e atividades propostas para ensino de língua portuguesa para autistas. De acordo com a pesquisa os maiores desafios encontrados pelos docentes em língua portuguesa são aqueles nos quais precisa-se conhecer as características básicas do transtorno do espectro autista e seus diferentes

níveis, além de ser capaz de desenvolver estratégias pedagógicas diferenciadas para cada nível, a fim de oferecer uma aprendizagem significativa, o que demanda esforço, qualificação e uma ação conjunta com a escola e a comunidade escolar.

Em relação às atividades propostas, autores como Schmidt e Vygotsky possuem um papel diferenciado no que tange aos alunos com TEA, uma vez que ambos têm a vontade de promover oportunidades de aprendizagem.

Para oferecer uma boa qualidade nas experiências educacionais dos estudantes com autismo no contexto escolar, é imprescindível a aquisição, a apropriação e a integração por parte da escola daqueles conhecimentos outrora situados fora dela. Urge uma integração do conhecimento produzido até hoje pelas diversas áreas para que seja disponibilizado e compartilhado na inclusão educacional escolar. (SCHMIDT, 2013, p.19).

As propostas iniciais de desenvolvimento norteiam inicialmente a interação e a relação social da criança: primeiro com a família, depois com a escola, pois o meio social fará uma grande diferença no processo de desenvolvimento dessa criança/adolescente ente. Até mesmo porque é desejável que as crianças especiais alcancem um ensino/metodologia mais próximo das outras, ditas “normais”. Assim sendo, Silva (2021) enumera três propostas que buscam auxiliar o professor de português ao organizar e planejar a rotina didático-pedagógica com o aluno autista:

1. O ensino de Língua Portuguesa: o docente deve tornar a linguagem mais visual, com dicas mais palpáveis que façam parte do dia a dia desse aluno especial.
2. Socialização: é importante que o docente estimule trabalhos em grupo envolvendo e misturando os jovens, fazendo com que este especial se sinta acolhido conscientizando os demais em relação à aceitação e respeito ao próximo.
3. Capacitação: faz-se necessário de forma geral, a capacitação dos profissionais de todas as matérias para aprenderem a lidarem com os alunos especiais, uma vez que a demanda aumenta com relação à cobrança dos pais – esses que muitas vezes não sabem lidar com seus filhos, mas exigem que os professores tenham total habilidade.

Por fim, nas considerações finais, o presente trabalho mostra a carência do ensino de Língua Portuguesa aos alunos que demonstram algum tipo de dificuldade e até mesmo essas dificuldades encontram-se somadas ao despreparo dos docentes em geral, infelizmente sem direção em relação ao aprofundamento, a experiência e desconhecimento de tal situação, em conjunto com a não evolução do ensino prestado nas escolas; onde a falta de aprimoramento implica no fulgurar de ideias de



práticas subjetivas/ lúdicas e até mesmo humanas, nas quais exaltamos para conquistar um possível aluno do espectro autista.

### 3.2.2 PUBLICAÇÃO II

O segundo trabalho a ser analisado é o artigo intitulado: “Autismo e inclusão: desafios e possibilidades na aula de língua portuguesa”, de autoria de Andreia Amorim Salles Motta e Antônio Carlos Gomes, do ano de 2022. O artigo é um recorte de uma pesquisa apresentada ao Mestrado em Letras, ofertado pelo Instituto Federal do Espírito Santo – IFES. Os pesquisadores buscaram elaborar e desenvolver atividades de linguagem, nas aulas de Língua Portuguesa, na perspectiva de incluir, em uma turma regular de ensino fundamental, um estudante com TEA (Transtorno do Espectro Autista), matriculado em uma escola pública de Cariacica-ES.

Na introdução, os pesquisadores começam defendendo a ideia de que o aluno com autismo, inserido em classe regular, deve ser visto em uma movimentação que evidencie suas potencialidades, observando-se a relevância da interação do professor com o aluno, não apenas para o ensino-aprendizagem, mas também para a formação do sujeito como cidadão. Essa conexão é crucial nas operações com a linguagem, as quais exigem reflexão sobre o papel do outro nas relações sociais e no desenvolvimento da linguagem.

Na metodologia, foram levantados os dados para subsidiar o trabalho; foram aplicados questionários e entrevistas na escola e analisados documentos contidos no processo de matrícula do aluno. O estudante, sujeito da pesquisa, foi chamado de Lucas (nome fictício), que cursava o 8º ano do Ensino Fundamental (EF). Foi identificado, por meio de laudo médico apresentado à escola, que Lucas, aluno com autismo, enquadra-se, conforme o instrumento utilizado para realizar o diagnóstico, na Classificação Internacional de Doenças (CID-10) F 84.0. Cabe ressaltar que os laudos arquivados na escola não apresentavam detalhamentos.

O capítulo: “Autismo e Epilinguagem...Por quê?”, traz a reflexão daquele momento em que o professor se depara com um aluno com necessidade de atendimento educacional especializado na sua sala, geralmente, se sente desafiado, mas a primeira reação é sentir-se despreparado. De fato, os pesquisadores deixam claro que não existem receitas infalíveis na educação, por estes tipos reações à

presença de um aluno com autismo, que a busca por uma resposta foi feita por meio das próprias atividades de operações de linguagem. Como destaca Franchi (2006):

Chamamos de atividade epilinguística a essa prática que opera sobre a própria linguagem, compara as expressões, transforma-as, experimenta novos modos de construção canônicos ou não, brinca com a linguagem [...] muitas vezes se trata de tornar operacional e ativo um sistema a que o aluno já teve acesso fora da escola, em suas atividades linguísticas comuns (FRANCHI, 2006, p. 97-98).

Assim, foi descrito neste trabalho uma sequência de atividades elaboradas sob uma abordagem epilinguística, com base no eixo de interesse do sujeito da pesquisa que, segundo sua professora de Português e a própria família, gosta muito de assuntos relacionados à cultura dos Estados Unidos. Aliados a esse pensamento que parte de um eixo de interesse do investigado, também entendemos que seria importante trabalhar com a oralidade, de modo que a epilinguagem fosse evidenciada nas operações de regulação, referenciação e representação, apreendidas nos enunciados usados como argumento durante o debate. A utilização de tais atividades epilinguísticas permite-nos inovar, no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa.

A primeira aula foi desenvolvida por meio da exibição do filme “Escritores da Liberdade”, lançado em 2007, sob a direção de Richard LaGravanes. O filme foi escolhido com a intenção de apresentar uma atividade que fosse, sob o ponto de vista, interessante para o sujeito da pesquisa. Assim, os pesquisadores tomam como ponto de partida o filme “Escritores da Liberdade”, por se passar nos Estados Unidos, refletindo a cultura americana, abordando o desafio vivido por uma professora ao ensinar em um contexto social difícil, além de problematizar questões conflituosas étnico-cultural. O filme foi exibido em quase três aulas, as duas primeiras de Língua Portuguesa e a última de Geografia. A turma ficou bastante envolvida com o filme, com pouquíssimos alunos sem se interessar por ele. O aluno Lucas não mostrou muito interesse pelo enredo, apenas assistiu ao filme.

Na segunda aula, após a exibição do filme, para discussão em sala sobre as questões conflituosas apresentadas no enredo, relacionando-as com a realidade, as cadeiras foram colocadas em círculo, foi solicitado aos próprios alunos que pontuassem os temas problematizados. E assim eles foram dizendo: problemas com a família, preconceito, racismo, intolerância, violência, holocausto, *bullying* etc.

Cada tema foi colocado no quadro com o intuito de que fosse lembrado durante toda a discussão. Os estudantes deveriam trazer exemplos desses temas tanto na realidade brasileira, como no dia a dia deles. Os pesquisadores acreditavam que ao promover um discurso, que exercitasse a oralidade por meio da reflexão, também seria possível criar espaço para uma nova forma de ministrar aulas de Língua Portuguesa. Muitos alunos falaram sobre o racismo no Brasil e afirmaram que há racismo na escola. Vale ressaltar, que Lucas, sujeito da pesquisa, não disse nada durante as discussões, contudo, manteve-se atento, mostrando-se envolvido com o momento de discussão.

A terceira aula iniciou com um vídeo (animação) na biblioteca. A produção traz uma contextualização histórica e cultural dos Estados Unidos, por meio da apresentação das imagens. A exibição da animação “A História dos Estados Unidos da América” teve a intenção de contribuir para a construção de conhecimentos sobre o tema. Os alunos gostaram muito da animação, pois a história era relatada de forma resumida (12 minutos) e bem cômica. Durante a apresentação, Lucas sorriu várias vezes. Logo após a apresentação da animação, foram entregues as atividades que seriam aplicadas na aula seguinte, para que os estudantes pudessem acompanhar, com as folhas em mãos, as imagens coloridas que seriam exibidas na tela. E assim foi chamada a atenção para cada detalhe. Também foi solicitado que os estudantes fizessem anotações no caderno, se houvesse algo que fosse relevante. Ao mostrar as imagens, quando apresentaram com a do Tio San, havia um texto em inglês “I Want You for U.S. Army”. Foi solicitado à turma que na aula destinada à aplicação dessas atividades, eles procurassem também a tradução do texto. Neste momento, Lucas interrompeu as orientações dos pesquisadores e disse “significa junte-se ao exército americano”.

Na quarta aula, foi produzido pelos pesquisadores exercícios de operações com a linguagem, a partir de imagens (textos visuais) relacionadas aos Estados Unidos. O primeiro exercício solicitava que, apropriando-se de sua língua, conforme suas próprias escolhas e criatividade, os alunos deveriam refletir sobre significado das imagens, partindo de conhecimentos empíricos e dos que foram construídos juntos sobre o tema e elaborarem uma frase de exaltação (elogio) e outra depreciativa (tecendo uma crítica). Primeiramente, com todos os alunos com as atividades em mãos, foi explicado pelos pesquisadores o comando de cada exercício e foi pedido que todos expressassem suas dúvidas, além de frisar que se houvesse dúvidas durante

a realização da atividade, poderiam chamá-los a qualquer momento. Lucas, desenvolveu o primeiro exercício, com autonomia, foi até a mesa docente apenas uma vez com o objetivo de perguntar se poderia fazer apenas uma frase, reunindo crítica e exaltação. Durante a aula, Lucas construiu as seguintes frases: “Os EUA é um país rico e desenvolvido e um ótimo lugar, o problema é um forte fanatismo com a pátria, e muitos habitantes são xenofóbicos”; “A diversidade étnica dos EUA é muito rica, brancos, negros, latinos, asiáticos, o racismo é muito grande, mas todas as pessoas devem ser respeitadas, não importa a raça”; “Os Estados Unidos tem muitos esportes diferente do Brasil que o único esporte é o futebol, os esportes são cultura”. O segundo exercício orientava que, de acordo com os conhecimentos deles, analisassem uma charge também sobre a temática envolvendo os Estados Unidos. E a partir da análise do texto, concordassem ou não com a visão do chargista, também foi realizado com despreendimento. Tanto a turma quanto Lucas não manifestaram dúvidas. A resposta de Lucas para a interpretação da charge é “A visão do chargista é que os Estados Unidos estão usando o mundo para um poder absoluto, tentando ser o mais importante do mundo, eu concordo um pouco com isso”.

Na quinta aula foram selecionados textos produzidos pelos alunos na 4ª atividade, e foi elaborado todos os exercícios a partir das frases criadas por eles, com pouquíssimas adaptações. Isso foi um fator muito importante na elaboração da atividade, pois Lucas pode se reconhecer nas questões como protagonista da ação e proporcionar, de fato, a construção de conhecimento compartilhado.

No exercício, havia duas frases elaboradas por Lucas, ele se mostrou entusiasmado, todavia não disse nada, manteve-se em quietude no momento em que outros alunos reconheciam suas frases no exercício. Mas, em conformidade com a teoria que nos norteou, a verdadeira condição de enunciação pode ser realizada em um diálogo interior, consigo mesmo, até mesmo por meio do silêncio. Conforme Rezende (2008):

Este momento é rico, do ponto de vista pedagógico, se for bem administrado pelo professor, que poderá prolongá-lo ao máximo, com a manutenção do próprio silêncio, sobretudo, quando ele percebe, por manifestações corporais (atenção, olhar, interesse, etc.), que o trabalho de linguagem invisível está sendo feito (procura de expressão correspondente para a experiência em foco ou de experiência correspondente para a expressão em foco), ou preenchê-lo com perguntas, com ofertas de significados próximos, com insinuações, com brincadeiras (REZENDE, 2008, p. 102).

De acordo com os autores, Lucas concluiu a atividade com autonomia, sem dificuldades. Levantou-se duas vezes, em momentos distintos, foi até nossa mesa para perguntar se as trocas da palavra “mancha” por “sujeira” e da expressão “alguma coisa” por “algo” estavam corretas. No primeiro questionamento, respondemos a ele “para você, o sentido da frase foi mantido?”; ele balançou a cabeça (manifestando afirmação); em seguida, respondemos “então, está adequado”. Já na segunda vez, perguntou se era possível trocar uma expressão “alguma coisa”, por apenas uma palavra “algo”; porque a troca seria de duas palavras por apenas uma. Os pesquisadores perguntaram, novamente, se ao fazer a troca, no entendimento dele, o significado seria mantido. Ele, mais uma vez, respondeu com um gesto, e nós também confirmamos por meio da linguagem gestual. Como são muitas frases, alguns enunciados construídos por Lucas foram escolhidos, e no quadro a seguir, será mostrado as operações dele com a linguagem a partir da reflexão proposta pela atividade:

#### Quadro 2 – Operações de linguagem

- A imagem representa união, **porém** não é isso que a realidade revela (proposta): A imagem representa a união, mas não é isso que a realidade revela” (CONSTRUÇÃO DE LUCAS);
- Nos Estados Unidos os esportes são **levados bem a sério**, isso é muito importante para eles (proposta): Nos EUA os esportes são levados seriamente, isso é muito importante para eles (CONSTRUÇÃO DE LUCAS);
- Nos Estados Unidos os esportes são levados bem a sério, isso é muito importante para **eles** (proposta): Nos Estados Unidos os esportes são levados bem a sério, isso é muito importante para os americanos (CONSTRUÇÃO DE LUCAS);
- A imagem mostra a mão que representa os Estados Unidos amassando o mundo e fazendo **o mundo** sangrar (proposta): A imagem mostra a mão que representa os Estados unidos amassando e fazendo o planeta sangrar (CONSTRUÇÃO DE LUCAS);
- A imagem mostra os EUA tirando toda a democracia do mundo. Eu entendo que **Os Estados Unidos** querem **dominar o mundo**, como se **só** existissem eles (proposta): A imagem mostra os EUA sugando toda a democracia do mundo. Eu entendo que os EUA querem tomar o poder do mundo como se apenas existissem eles (CONSTRUÇÃO DE LUCAS).

Fonte: Rosa (2022)

Essa atividade oportunizou uma interação espontânea com Lucas. Além de interagir com os pesquisadores, por meio dela, ele demonstrou tanto na oralidade quanto na escrita as marcas de um sujeito autônomo, constituído pela linguagem, dialogando a partir das suas representações.

Na sexta e última aula, logo no primeiro exercício, foi solicitado para considerar o contexto da charge, refletir sobre o seu título “Indústria cultural: A influência da mídia sobre a sociedade” e reescrevessem-na, Lucas escreveu: “A mídia influenciando a mente das pessoas”. No segundo, a proposta era reescrever a fala da personagem “Oba! Vou ficar saradão!”, analisando-a de acordo com o contexto.

O comando foi reelaborado por Lucas da seguinte forma: “Oba! Agora vou ficar em forma”. O terceiro exercício, dividido em letras “a” e “b”, no qual a letra “a” demandou escrever sobre de que forma os textos (uma charge e uma tirinha) poderiam estabelecer relações. Lucas respondeu: “Que o mundo está um desastre, e acaba deixando outros países ruins”; já a letra “b” requeria conhecimento dos alunos sobre a existência de mais de um sentido para uma palavra ou expressão, ou seja, o aluno teria que elaborar duas frases, atribuindo significados para as palavras “bola” e “mundo”, diferentes dos sentidos utilizados nos textos.

Lucas não criou duas, criou uma para cada palavra: “Abaixa sua bola” e “Está no mundo da imaginação”. O quarto exercício que expunha o discurso de Martin Luther King, pedia para o aluno reescrever o texto, fazendo substituições das palavras e expressões grifadas, por outras diferentes que mantivessem o sentido do texto. Havia uma orientação para caso necessário, fizessem adaptações. É importante destacar a forma como Lucas se posicionou criticamente sobre as discussões e acontecimentos experienciados em várias etapas da pesquisa.

Cabe ressaltar que Lucas não só reescreveu texto, como também deixou marcas de suas referências, dando pistas das operações feitas ao substituir em cima das palavras grifadas no discurso original de Marthin Luther King. As substituições operadas por ele foram: “sonho” por “desejo”; “todos os homens” por “o mundo inteiro”; “iguais” por “semelhantes”; “juntos à mesa da fraternidade” por “juntos a nós na fraternidade”; “calor da justiça” por “suor da justiça não feita”; “calor da opressão” por “suor da obediência”; “sonho” por “desejo”; “baixos” por “pequenos”; “mas” por “também”; “hoje” por “nesse dia”; “junto” por “com”; “cospe” por “vomita”; “tenho” por “posso”.

As atividades e os resultados alcançados acenaram positivamente para uma perspectiva de contribuir para um novo pensamento no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa, sobretudo sobre uma forma mais discreta e eficiente incluir, de fato, um aluno com autismo nas práticas de linguagem.

### 3.2.3 PUBLICAÇÃO III

A terceira publicação analisada foi o artigo intitulado: Autismo e inclusão: os desafios e a necessidade da inclusão nas escolas do estado do Rio Grande do Sul, publicado por Alexandre Jardim pela Revista Alembra no ano de 2022. Este artigo tem como finalidade relatar experiências, assim como desenvolver uma reflexão sobre a inclusão dos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas do estado do Rio Grande do Sul, com base num olhar pedagógico/transdisciplinar, onde são desenvolvidas habilidades diante da prática do professor em sala de aula, da mesma forma como na preparação de materiais específicos que proporcionem aos alunos agilidade, desenvolvimento do filtro afetivo, disciplina, respeito e educação para com os professores, colegas, diretores e funcionários dentro do ambiente escola.

Na introdução, a pesquisa faz um resgate do início do século XX, na qual as crianças com deficiência frequentam escolas especiais, onde se destinam a proporcionar educação a todos os alunos, porém os estudantes são divididos de acordo com as suas especificidades. No entanto, nos últimos anos tem havido um aumento do interesse do Estado do Rio Grande do Sul frente à inclusão desses aprendizes.

Com isso, referimo-nos a esse movimento à integração das crianças com necessidades especiais no ensino fundamental. O objetivo da integração é de proporcionar oportunidades educacionais iguais a todos os alunos, sem discriminação. A teoria da inclusão é de que todos os alunos com deficiência devem frequentar a mesma sala de aula que seus colegas sem necessidades especiais; cada aluno utilizando suas capacidades educacionais/especiais, onde frequentam aulas por meio de um programa transformador educacional específico.

No capítulo seguinte, Inclusão social: a relação entre igualdade e diferença, nos mostra que o maior desafio da atualidade é proporcionar um ambiente de qualidade, sem distinção entre as diferenças sociais, que assegure um trabalho

organizado/adaptado para atender às necessidades especiais dos alunos com TEA. Na sequência o artigo faz a análise e a Prática Inclusiva em como resolver os desafios encontrados por estes estudantes: a) identificar o que desencadeia altos níveis de estresse e ansiedade; b) reconhecer as estratégias que os alunos possam usar para diminuir seu próprio estresse e ansiedade, mas não tentar restringi-los de seus hobbies/interesses ou comportamento auto-estimulatório (*stimming*) para reduzir a ansiedade; c) Fornecer maneiras de identificar seus próprios níveis crescentes de estresse e estratégias para gerenciá-los, como por exemplo, o balde de nivelamento, brinquedos contra ansiedade, análise de gráficos e a técnica de tartaruga para se acalmar; d) criar um lugar seguro: algum lugar da escola onde o aluno possa ter tempo e espaço longe de qualquer fonte de ansiedade. Se o espaço é um problema, pode ser uma barraca de brincar, almofadas e/ou um cobertor em momentos de alta ansiedade, o que permite que o indivíduo se sinta protegido. Seja um parceiro de comunicação de apoio: alunos com autismo se comunicam de várias maneiras, e será importante experimentar materiais ou dispositivos que sejam eficazes e preferidos por eles.

Nas considerações finais, o artigo enfatiza que alunos com autismo não apenas aprendem com seus colegas, mas também os ensinam enquanto reduzem o preconceito, o que cria atitudes e relacionamentos positivos em relação à inclusão. Ambientes inclusivos na escola podem diminuir a barreira devido à interação entre todos eles, com isso, professores devem desenvolver as práticas de forma continuada, porque essas distinções ajudam o aprendizado do aluno.

Quando o assunto é referente ao sujeito com TEA, se torna primordial o diálogo entre os envolvidos no processo de adaptação na escola e em sociedade, tendo em vista que a relação dos profissionais com a família é de suma importância para o desenvolvimento do autista, permitindo avanços significativos no âmbito social e educacional.

#### 3.2.4 PUBLICAÇÃO IV

A quarta e última publicação analisada é o artigo intitulado: “Um olhar transdisciplinar para a educação inclusiva no autismo”. O presente trabalho foi publicado no ano de 2023, pelos autores Vanderléa Ana Meller, Maria da Glória Dittrich e Cláudia da Silva na Universidade Metodista de São Paulo.



O artigo traz a importância da transdisciplinaridade para a educação inclusiva da pessoa com autismo e como ela se torna fundamental para acolher as necessidades e potencialidades humanas. No intuito de contribuir com as dinâmicas educacionais, esta pesquisa teve como objetivo buscar apresentar uma visão transdisciplinar de educação inclusiva para a pessoa com autismo no Atendimento Educacional Especializado de Itajaí/SC.

Na introdução os autores salientam que é imprescindível que a educação inclusiva promova a complexidade que integra a condição humana da pessoa com autismo e a retomada das áreas de conhecimento envolvidas para o acolhimento e o cuidado no processo de ensinar-aprender. Os autores indicam que as necessidades e possibilidades indicam uma entrada para descobertas das potencialidades humanas e suas evoluções, nas habilidades pessoais e coletivas.

Para Torre, Pujol e Moraes (2008), o olhar “trans” envolve diferentes saberes, entre eles o de fazer, de estar e de ser. Na interconexão de saberes e práticas para o atendimento da pessoa com autismo, entendemos que a transdisciplinaridade é essencial, pois envolve a integração de conhecimentos e a postura profissional entre diferentes áreas, assim como as características e os saberes complexos do próprio autismo. Para os autores, a educação, além dos aprendizados conceituais, auxilia na evolução de habilidades sociais, de comunicação e de aprendizado das crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Nessa perspectiva, os autores identificaram que instituições especializadas existentes para atendimento das pessoas com deficiência em Itajaí têm potencial de serviço multidisciplinar e, para o TEA, apresentam foco nas características e necessidades trabalhando a tessitura de saberes. Com esta integração, as pessoas com autismo e seus familiares terão o auxílio na compreensão do diagnóstico e acesso aos métodos e estratégias que potencializam as habilidades. A atenção ampliada torna-se fundamental perante as diversidades. Entre as instituições que prestam atendimento especializado ao TEA, existem instituições públicas governamentais e não governamentais.

O artigo contextualiza a possibilidade de ocorrer ações transdisciplinares nos processos educativos para contribuir com suas propostas e evoluir para a educação inclusiva na atualidade. No quadro abaixo, serão apresentadas as instituições educativas de Itajaí e os serviços ofertados às pessoas com TEA.

Quadro 3 - Instituições e Itajaí e serviços ofertados às pessoas com TEA

Instituição	Áreas especializadas de atendimento	Práticas desenvolvidas
Associação de Pais e Amigos do Autista de Itajaí (AMA)	Equipe multidisciplinar de fonoaudiologia e psicologia; educação física, psicopedagogia, música, pedagogia.	Desenvolve serviço terapêutico com equipe multidisciplinar. As atividades educacionais visam ao acompanhamento para a melhoria da aprendizagem e desenvolvimento do indivíduo. As práticas educativas envolvem estimulação precoce, AEE (recursos pedagógicos coerentes e acessíveis de acordo com a necessidade) (AMA, 2023).
Centro de Intervenção e Estimulação Precoce – Vovó Biquinha	Atendimento educacional, social, nutricional, psicopedagógico. A equipe multiprofissional da instituição é composta por orientação educacional e pedagógica, fisioterapia, fonoaudiologia e educação física.	Primeira escola de Educação Infantil inclusiva de SC. Com base no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil e metodologia de projetos, desenvolve atendimento complementar para as crianças com necessidades educacionais especiais. A estimulação desenvolvida contempla as áreas de linguagem, socialização, cognição, função motora e atividades de vida diária (Ciep Vovó Biquinha, 2023).
Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae)	Equipe multidisciplinar formada por: psicólogo, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, assistente social, pedagogo, psicopedagogo, educação física, música, fisioterapeuta, dentista; clínico geral, neurologista e psiquiatra.	Busca garantir o direito à educação, à saúde, ao trabalho e à assistência social. Oferece vários programas e projetos para diferentes idades e necessidades, desde a prevenção e reabilitação em busca da qualidade de vida. Tem equipe multidisciplinar da saúde, educação e serviço social. O desporto, arte, lazer e informática que constituem um diferencial de qualidade nos serviços prestados (Apae, 2023).
Centro Municipal de Educação Alternativa de Itajaí (Cemespi)	Equipe multiprofissional nas áreas de Assistência Social, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Instrutor de LIBRAS, Educação Física, Psicologia, Psicopedagogia e Tradutor Intérprete.	Criado como Unidade de Ensino, é mantido pela Prefeitura Municipal de Itajaí e administrado pela Secretaria Municipal de Educação. Constitui-se como centro de referência no Apoio em Educação Especial (Cemespi, 2023).
Salas de Recursos Multifuncionais (SRMs) nas escolas regulares	Professores de Educação Especial e com a parceria de uma equipe multiprofissional – Fisioterapia, Fonoaudiologia, Instrutor de LIBRAS, Educação Física, Psicologia, Psicopedagogia. Estão distribuídas em escolas polos em toda a Rede Municipal de Ensino para melhor atender a demanda de serviços de AEE da própria escola polo e das escolas de abrangência.	A partir de 2005, o Município integra o Programa de Implantação das Salas de Recursos Multifuncionais. O AEE conta com 35 salas de recursos multifuncionais: uma localizada na Educação Infantil e 30 no Ensino Fundamental. Administrado pela Secretaria Municipal de Educação. Disponibiliza um conjunto de equipamentos, mobiliários, materiais pedagógicos e demais recursos de acessibilidade para a organização e oferta do AEE aos estudantes público-alvo da Educação Especial (Itajaí, 2023).

Fonte: Meller (2023)

A partir do quadro, pode-se observar que existe uma visão política educacional e de cuidado à pessoa com autismo. Devido às singularidades do autismo, uma sala de aula convencional nem sempre atende às suas expectativas socioculturais e psicológicas, o que pode ser difícil para atender, transdisciplinarmente, o autismo. As diversas áreas de conhecimento que integram os atendimentos educacionais são possibilidades organizacionais para as articulações transdisciplinares.

Entre as instituições é possível perceber similaridades nas áreas de atuação e que abrangem os diversos saberes e práticas para uma visão abrangente do ser humano, de atenção às necessidades. Neste quesito, o artigo mostra o quão é fundamental integrar e valorizar a pessoa com TEA, ao estimular a interação social e o corpo expressivo, pois, na transdisciplinaridade, é fundamental compreender o mundo integrado e suas especificidades.

Por fim, nas considerações finais os autores ratificam a complexidade nas relações da educação inclusiva, na qual professor, aluno, conhecimento e contexto cultural formam uma unidade integradora complexa, buscamos reconhecer o autismo e as correlações para ações educativas na perspectiva transdisciplinar, na procura da interconexão de saberes e de práticas para o atendimento ao TEA.

Quadro 4 - Respostas obtidas nos artigos e monografia analisados

Artigo/Monografia analisada	Respostas obtidas acerca da pergunta de pesquisa: Que abordagens educacionais e estratégias pedagógicas os professores de língua portuguesa utilizam para promover a inclusão de estudantes com TEA nas aulas de Língua Portuguesa?''.
Autismo e inclusão: desafios e possibilidades na aula de língua portuguesa	Sequência de atividades elaboradas sob uma abordagem epilinguística, com base no eixo de interesse do sujeito da pesquisa.
Educação e inclusão na sala de aula: ensino e aprendizagem de língua	O docente deve tornar a linguagem mais visual, com dicas mais palpáveis que façam parte do dia a dia desse aluno especial e que o docente estimule trabalhos em grupo envolvendo e

portuguesa inclusivos para estudantes com autismo	misturando os jovens, fazendo com que este especial se sinta acolhido conscientizando os demais em relação à aceitação e respeito ao próximo.
Autismo e inclusão: os desafios e a necessidade da inclusão nas escolas do estado do Rio Grande do Sul	Identificar o que desencadeia altos níveis de estresse e ansiedade; Reconhecer as estratégias que os alunos possam usar para diminuir seu próprio estresse e ansiedade, mas não tentar restringi-los de seus hobbies/interesses ou comportamento auto-estimulatório ( <i>stimming</i> ) para reduzir a ansiedade.
Um olhar transdisciplinar para a educação inclusiva no autismo	Materiais e exercícios relacionados à linguagem. Uma abordagem que pode envolver contatos mais eficazes no âmbito visual e encorajamento verbal, que promovem relações sociais seguras e construtivas.

Fonte: Autor (2023)

#### **4. RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PESQUISADOR COM BASE NAS PUBLICAÇÕES ANALISADAS**

Ao longo da minha trajetória como professor de língua portuguesa em formação, como mencionado na introdução, tive a oportunidade de poder observar na prática os desafios enfrentados por estudantes autistas em uma escola de ensino fundamental para terem uma inclusão efetiva dentro da sala de aula. Através dos artigos e da monografia analisados, pode-se observar que os autores(as) dialogam entre si com a ideia de que há ainda um longo caminho a percorrer para que exista uma inclusão eficiente que atenda às necessidades específicas de estudantes com TEA dentro de uma escola somado a necessidade de se contar com professores que estejam habilitados a receber estes tipos de alunos.

Na minha experiência com estudantes autistas em sala de aula, as orientações da escola encaminhadas para mim era seguir as intervenções pedagógicas já experienciadas no dia a dia pelos professores. Os alunos PCD têm acesso na própria escola a um atendimento individual na Sala de Integração e Recursos (SIR) no qual é coordenado por um professor com especialização em AEE. Durante estes dois anos de estágio com estudantes com TEA no ensino fundamental procurei

aprender a lidar com as especificidades e necessidades que cada um deles possuía, sempre buscando integrá-los com os demais colegas nas atividades propostas em sala de aula, nos recreios, apresentações artísticas para a comunidade escolar envolvida e nas vivências com professores, funcionários e os outros estudantes da escola.

Com isso, após a análise das publicações selecionadas e refletindo sobre as vivências e aprendizados que mudaram a minha visão como docente nesta experiência com estudantes autistas, penso que os maiores desafios encontrados pelos docentes ao receber estes tipos de alunos em sala de aula são a falta de conhecimento específico acerca dos diferentes níveis de necessidades e especificidades que o TEA apresenta e uma carência de repertório para adaptar atividades para estes alunos.

Uma alternativa que surgiu nesta pesquisa para ajudar a impulsionar a inclusão de autistas em sala de aula é o ensino numa perspectiva transdisciplinar. Entretanto, para o ensino escolar incorporar os ideais da transdisciplinaridade, diversos fatores deverão ser revistos. A começar pela formação docente. Nessa perspectiva os professores precisam estar cientes que este é um segmento que perpassa o ambiente escolar e que exige que o educador acompanhe as evoluções que ocorrem ao longo dos anos em relação ao ensino. Isso irá auxiliá-los a repensar e organizar suas práticas docentes ao promover com êxito a inclusão em sala de aula estudantes com o espectro autista.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para concluir este trabalho, a pesquisa deveria responder a seguinte pergunta: “Que abordagens educacionais e estratégias pedagógicas os professores de língua portuguesa utilizam para promover a inclusão de estudantes com TEA nas aulas de Língua Portuguesa?”. Ao objetivo geral: “Compreender a importância da educação transdisciplinar e da docência em Língua Portuguesa no processo de inclusão de estudantes com TEA” e aos objetivos específicos: “Identificar os desafios encontrados pelos docentes ao trabalhar com estudantes com TEA em turmas regulares do ensino fundamental; Compreender como a educação transdisciplinar pode contribuir para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de estratégias para práticas pedagógicas

em Língua Portuguesa com estudantes de TEA.” De acordo com os dados levantados e análises feitas, pensamos que a inclusão escolar de estudantes com necessidades educacionais especiais ainda está distante de ser eficiente e com professores habilitados para trabalharem com estudantes com o transtorno do espectro autista em sala de aula, que é o foco da pesquisa.

As análises e comentários feitos das publicações selecionadas ressaltam que o debate em torno do tema desta pesquisa está longe do fim. Acreditamos que uma das funções da pesquisa e do compromisso do pesquisador é o de, exatamente, jogar luzes sobre temas para que os mesmos possam ser evidenciados, ganhem visibilidade e, por extensão, se tornem objeto da crítica de outros pesquisadores. A análise de dados mostrou que frente a essa realidade, percebeu-se que a Transdisciplinaridade pode contribuir bastante para a docência em Língua Portuguesa no processo de inclusão de estudantes com Autismo. A efetividade dessa inclusão no contexto da escola regular, por meio de práticas que possam romper paradigmas visando olhar para os sujeitos de maneira ampla, global e não fragmentada.

A pesquisa realizada contemplou e respondeu à pergunta de pesquisa “Que abordagens educacionais e estratégias pedagógicas os professores de língua portuguesa utilizam para promover a inclusão de estudantes com TEA nas aulas de Língua Portuguesa?”. As publicações que foram selecionadas trazem consigo a ideia de que a efetiva inclusão de estudantes com o espectro autista se desenvolve no decorrer do dia a dia, nas ações cotidianas. Temos como exemplo, o estímulo do docente em realizar trabalhos em grupo envolvendo e misturando os jovens, fazendo com que este com o TEA se sinta acolhido conscientizando os demais em relação à aceitação e respeito ao próximo.

Em relação aos objetivos específicos e geral, assim como a pergunta norteadora da pesquisa, também foram contemplados no percurso da pesquisa. Interligar a busca pela identificação dos desafios do docente em LP ao trabalhar com estudantes com TEA em turmas regulares do ensino fundamental à temática da Educação Transdisciplinar foi importante para construir uma ponte que permita não apenas uma reflexão sobre os saberes que envolvem o dia a dia destes profissionais, sua ação cotidiana, mas além disso, potencializar uma discussão pertinente que irá transcender a sala de aula.

Neste sentido, a presente pesquisa leva a pensarmos que este trabalho de incluir estudantes com TEA em não apenas nas aulas de língua portuguesa, mas

também em outras disciplinas, se trata de um movimento coletivo, que vai desde que os professores procurem uma formação continuada que o leve a ter a habilitação necessária para receber estes estudantes em sala de aula e ter o conhecimento acerca das necessidades e especificidades de cada um até a parceria essencial de trabalho em conjunto com as famílias que acompanharão a trajetória escolar desses alunos, além de toda gestão escolar.

Contudo, ainda é necessário explicitar que a estrutura das escolas no Brasil é bastante fragmentada, e exige uma padronização do desempenho escolar, o que interfere e dificulta não só a atuação destes alunos com TEA, mas também a qualidade de como se dá a inclusão nas escolas, sendo um dos principais limitadores da prática transdisciplinar. Sobre as práticas transdisciplinares, esta pesquisa ainda possibilitou a compreensão de elementos que podem envolver-se, sendo facilitadores ou limitadores para que uma instituição escolar implemente uma abordagem transdisciplinar, visando à construção do conhecimento sob diferentes prismas, tornando a inclusão escolar mais eficaz.

Por fim, este trabalho foi desenvolvido para pensar diferentes modos de tornar a inclusão efetiva e qualificada para autistas nas aulas de Língua Portuguesa do ensino fundamental, conhecendo, estudando e buscando novos caminhos para compreender e possibilitar a aprendizagem.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, D. O. GOTTI, M. O. **Atendimento Educacional Especializado** – concepção, princípios e aspectos organizacionais. In: Ensaio Pedagógico – Brasília – Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. p. 75-80.

ALVES, M. D.; NAUJORKS, M. I. **As representações sociais dos professores acerca da inclusão de alunos com Distúrbios Globais do Desenvolvimento**. Rio Grande do Sul, UFSM, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/7113/Dissertacao%20Marcia%20Doralina.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

BALLARD, K. **Pesquisando deficiência e educação inclusiva: participação, construção e interpretação**. Revista Internacional de Inclusão Educação. 1997. Disponível em: <<https://iparadigma.org.br/wp-content/uploads/Ed-inclusiva-37.pdf#page=7>>. Acesso em: 1 nov. 2023.

BORGES, M. L.; PAINI, L. D. **A educação inclusiva: em busca de ressignificar a prática pedagógica**. Universidade Estadual de Maringá – UEM. 2016. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_artigo\\_edespecial\\_uem\\_marilenelanciborgessenra.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edespecial_uem_marilenelanciborgessenra.pdf)>. Acesso em: 31 out. de 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional** – 2. ed. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018.

CAMARGO, E. P. de. **Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlaces e desenlaces**. Ciênc. Educ., Bauru, v. 23, nº 1, jan./mar. 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-73132017000100001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132017000100001)>. Acesso em: 26 jul. 2023.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

CORRÊA, N. M. **Salas de recursos multifuncionais e plano de ações articuladas em Campo Grande – MS: análise dos indicadores**. 2012. 249 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS. Campo Grande, MS, 2012.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. 6 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2015. p. 23.

CUNHA, E. **Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2016.

FAZENDA, I. (org). **Didática e interdisciplinaridade**. 6.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.



FERNANDES, E. M. **Educação para todos, saúde para todos: a urgência da adoção de um paradigma multidisciplinar nas políticas públicas de atenção a pessoas portadores de deficiências.** Benjamin Constant, Rio de Janeiro, 2007.

FERREIRA, F. **Educação inclusiva: quais os pilares e o que a escola precisa fazer?** Atualizado em: 29 de agosto de 2018. Disponível em: <<https://www.proesc.com/blog/educacao-inclusiva-o-que-a-escola-precisa-fazer/>>. Acesso em: 27 out. 2023.

FRANCHI, C. **Mas o que é mesmo “gramática”?** São Paulo: Parábola, 2006.

FRANCO, V. **Dimensões transdisciplinares do trabalho em equipe em intervenção precoce.** *Interação em Psicologia*, Paraná, v. 11, n. 1, p. 113–121, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar Projetos de Pesquisa.** 3.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

JARDIM, A. **Autismo e inclusão: Os desafios e a necessidade da inclusão nas escolas do Estado do Rio Grande do Sul.** *Revista Alembra*. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/alembra/article/view/71>>. Acesso em: 20 dez. 2023.

KARAGIANNIS, A; STAINBACK, W; STAINBACK, S. **Fundamentos do Ensino Inclusivo.** In: STAINBACK, W.; STAINBACK, S. (org.) *Inclusão um guia para educadores.* Porto Alegre, Artmed Editora, 1999.

MELLER, V. A., DRITTRICH, M. G., SILVA, C. da. **Um olhar transdisciplinar para a educação inclusiva no autismo.** *Revista Educação & Linguagem*. Universidade Metodista de São Paulo, 2023.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2015.

MORIN, E.. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ORRÚ, S.E. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar.** 3. ed. Rio de Janeiro, 2012.

PARODE, V. P.. **Estética Vibracional – um processo multidimensional de ampliação da Consciência do Ser.** 2. ed. Edições Acadêmicas, 2019.

REZENDE, L. M. **Atividade epilingüística e o ensino de língua portuguesa.** *Revista do Gel*, S. J. do Rio Preto, v. 5, n. 1, p. 95-108, set. 2008.

ROSA, A. A. S. & Gomes, A. C. **Autismo e Inclusão: desafios e possibilidades na aula de Língua Portuguesa.** *Revista Educação Especial Em Debate*, 2022.

RUSSO, F. **Comportamento Sensorial no Autismo: como trabalhar.** Disponível em: <<https://neuroconecta.com.br/comportamento-sensorial/>>. Acesso em: 06 de jul. 2023.

SANTOMÉ, J. T. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANTOS, M. P. dos. PAULINO, M. M. **Inclusão em educação**. Editora Cortez: São Paulo. 2006.

SERRA, D. **Inclusão e ambiente escolar**. In: SANTOS, M. P.; PAULINO, M. M. (Org.). **Inclusão em educação: Culturas, políticas e práticas**. São Paulo: Cortez, 2006.

SCHMIDT, C. **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. Campinas: Papyrus, 2013.

SILVA, W. M. da. **Educação e inclusão na sala de aula: ensino e aprendizagem de língua portuguesa inclusivos para estudantes com autismo**. Rio de Janeiro, 2021.

SUANNO, J. H.. Ecoformação, transdisciplinaridade e criatividade: a escola e a formação do cidadão do século XXI. In: MORAES, M. C.; SUANNO, J. H. **O pensar complexo na educação: sustentabilidade, transdisciplinaridade, e criatividade**. Rio de Janeiro: Wak Editora; 2014.

TORRE, S. L.; PUJOL, M. A.; MORAES, M. C. **Transdisciplinaridade e ecoformação: um novo olhar sobre a educação**. Trad. Susana Vidigal. São Paulo: TRIOM, 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VYGOTSKI, L. S. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ZANON, R. B.. BACKES, B.; BOSA, C. A. **Identificação dos Primeiros Sintomas do Autismo pelos Pais. Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Jan – Mar, 2014, Vol. 30, n. 1, p. 25-33. Disponível em: <<https://www.scielo.br/>>. Acesso em: 20 jul. 2023.